

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



CHAMADO À LIBERDADE DO ESPÍRITO:

A EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL COMO LIBERDADE DO POBRE*

CALL TO THE LIBERTY OF THE SPIRIT:

THE PENTECOSTAL EXPERIENCE AS LIBERATIONAL OF THE POOR

Fernando Albano¹

Resumo

O objeto deste artigo é a liberdade do Espírito no contexto pentecostal, especialmente entre os pobres. O sujeito não é livre em si mesmo, em perspectiva pentecostal ele é em êxtase, isto é, fora de si, empoderado no Espírito Santo. Contudo, o chamado à liberdade do Espírito nas comunidades pentecostais é dificultado por algumas ambiguidades, tais como: a tentação do subjetivismo escapista, bem como a valorização dos dons espetaculares, em detrimento das ações pneumatológicas mais sóbrias, tais como a promoção da justiça e da paz. Sendo assim, exige-se uma melhor reflexão pneumatológica pentecostal, principalmente vinculada à realidade do Cristo e do Reino de Deus.

Palavras-chave: Liberdade. Espírito Santo. Pentecostalismo.

Abstract

The objective of this article is the liberty of the Spirit in the Pentecostal context, especially between the poor. The subject is not free in itself, in the Pentecostal perspective it is in ecstasy, which means, outside itself, empowered by the Holy Spirit. However, the call to the liberty of the Spirit in the Pentecostal communities is hampered by some ambiguities, such as: the temptation of the escapist subjectivism, as well as the valorization of some spectacular gifts over the more sober pneumatologic actions, such as the promotion of justice and peace. Therefore, a better Pentecostal pneumatologic reflection is needed, especially bound to the reality of the Christ and of the Kingdom of God.

Keywords: Liberty. Holy Spirit. Pentecostalism.

* O referido texto é parte da monografia originalmente intitulada: “A liberdade na experiência e escatologia pentecostal”, feita sob a supervisão do orientador Prof. Dr. Rudolf von Sinner (EST/RS) – 2013.

¹ Mestre em Teologia (EST/RS) e Doutorando em Teologia na mesma instituição; bolsista da Evangelisches Missionswerk. Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Pública em Perspectiva Latino-Americana. Professor de Teologia na Faculdade Refidim, Joinville/SC. E-mail: fernando@ceeduc.edu.br

Considerações Iniciais

O presente artigo se detém na experiência pentecostal como liberdade que promove a humanização do sujeito, especialmente do pobre; principalmente de como a liberdade é promovida na experiência do batismo no Espírito Santo nas comunidades pentecostais.

Isto posto, convém destacar que, para algumas pessoas a religião é impedimento para a liberdade humana. Neste sentido, costuma-se afirmar o seguinte: a religião serve para anestesiar as consciências e garantir que as pessoas aceitem a realidade tal qual ela é. Contudo, atualmente muitos concebem a religião como uma espécie de inconformismo social e portadora de potencial de transformação social e cultural, portanto, um verdadeiro espaço de liberdade humanizadora. O próprio pentecostalismo tem sido reconhecido por abordagens sociológicas como fator positivo na vida dos que vivem em estado de anomia social, possibilitando-lhes esperança e força emancipatória.²

Quanto à organização do trabalho, optou-se por dividi-lo em dois tópicos principais. Na primeira parte será abordada a natureza da liberdade, sobretudo, o caráter da liberdade que possui implicações humanizadoras e sociais. Na segunda parte optou-se por abordar a liberdade na experiência pentecostal (batismo no Espírito Santo), visando identificar sinais de promoção da humanização do pobre.

O método utilizado é o bibliográfico e sistemático, dessa forma, se procura dialogar com autores do âmbito teológico, filosófico, sociológico, entre outros.

SENTIDO DE LIBERDADE

É necessário definir liberdade, para em outro momento relacioná-la com a experiência pentecostal, como se propõe neste artigo. Sendo assim, o que é liberdade? Esta palavra tão importante para a vida humana é amplamente discutida na filosofia, teologia, psicologia, sociologia, entre outras. Sua definição não é tarefa fácil, mas, liberdade é frequentemente entendida como: uma pessoa livre ou que possui liberdade, capaz de pensar e agir por si própria, não é coagida a fazer o que não deseja.

² Cf. SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004. p. 21-25. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 12.

Segundo Russ em seu “Dicionário de filosofia”, o termo liberdade é muito abrangente em seu significado, de tal modo que, pode se referir ao “estado da pessoa que não está em estado de escravidão, de servidão, etc.” Em perspectiva metafísica, se refere ao “estado do indivíduo cujas determinações são racionais e em quem a razão e a moralidade têm primazia”. No sentido político, a liberdade se refere “ao poder de agir sob a proteção das leis, direito de fazer o que as leis permitem”.³

Um filósofo que se ocupou bastante com o tema da liberdade foi Jean Paul Sartre. Para Sartre a vida humana é marcada principalmente pela liberdade. Ser humano é ser livre. Daí sua famosa frase: “sou condenado à liberdade”. O ser humano não possui uma essência dada, mas constrói sua existência na liberdade de suas escolhas. Pode também vir a autodestruir-se no uso de sua liberdade, conseqüentemente, há angústia no exercício da liberdade.⁴

O engajamento político e filosófico de Sartre em torno da liberdade humana se constitui em um belo exemplo de reconhecimento e valorização de uma das principais dimensões do humano. Com o filósofo existencialista se pode aprender que muitos desejam ser livres, mas temem responder por sua liberdade. Desse modo, em nível moral, há um oculto desejo de encontrar quem responda pelos atos da pessoa. Por isso que muitos acabam seguindo cegamente a líderes carismáticos e ditadores que, de certa forma, passam a responder pela vida dessas pessoas.

Por isso a liberdade humana é frágil, limitada, logo, não é absoluta. É uma liberdade que precisa ser conquistada, e, como disse Tillich, é preciso “coragem de ser”.⁵ O que é dado ao ser humano é um germe de liberdade, isto é, a consciência de que pode viver de modo livre. Logo, a liberdade é um dom e um dever.

A liberdade humana também sofre influências do meio onde está situada, e tais influências acabam interferindo em suas escolhas e no modo como percebe o mundo. A propaganda, bem como a mídia em geral, exerce um poderoso papel na formação da opinião pública. A maioria das pessoas se deixa persuadir pela mídia, uma vez que são incapazes de pensar de maneira autônoma.⁶

³ RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 165.

⁴ Sartre apud RUSS, 1994, p. 366-367,

⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

⁶ Cf. CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008. p. 293-305.

Além destes condicionamentos sobre a vontade/liberdade das pessoas, se podem citar ainda: condicionamentos de ordem psicológica, condicionamentos biológicos, o medo, a angústia, entre outros. Entretanto, mesmo com fatores delimitadores da liberdade, ainda assim, o ser humano é livre e pode crescer em liberdade. Zizëk, filósofo contemporâneo, diz que o ser humano é livre, mesmo que o seja para escolher o que vai determinar a sua vida.⁷

Contudo, Zizëk possui uma concepção de liberdade mais ativa que ajuda na compreensão de sua natureza. De acordo com o filósofo, a liberdade significa, entre outros, a capacidade de mudar as coordenadas externas (cultura, ideologias) que norteiam a realidade humana. A partir de diálogo com a perspectiva leninista, Zizëk afirma que há liberdade formal e efetiva. A primeira consiste na liberdade de escolher entre as alternativas no interior das coordenadas das relações de poder existente, enquanto a segunda se refere à prática, intervenção que modifica essas próprias coordenadas.⁸ Sobre isso, Rubem Alves escreveu que:

O homem é livre para abrir mão dos pressupostos que uma vez moldaram uma cultura significativa, mas que já se tornou velha e senil com o passar do tempo. E ao abandonar tais pressupostos, descobre então que, para além da morte e da dissolução, o ato criativo é possível uma vez mais. Assim, ele está livre para seguir explorando as infinitas possibilidades do experimento inacabado em que consiste a sua própria vida.⁹

Para Paul Tillich a liberdade humana ocorre na teonomia, ou seja, na síntese reconciliada entre cultura e religião. Quando há o predomínio da cultura em relação à religião ocorre autonomia, onde a forma é afirmada em detrimento da sua profundidade transcendental. Assim, o ser humano fica aprisionado na superficialidade e profanidade da vida e acaba prejudicando sua humanização.

Na afirmação da religião em detrimento da cultura se tem o que Tillich chamou de heteronomia, quando normas morais religiosas são impostas sobre a vontade dos indivíduos, assim, o ser humano torna-se refém de normas que não são compatíveis com sua subjetividade e, então, sua liberdade fica comprometida. Como disse Zizëk, fica preso nas coordenadas externas. Portanto, para Tillich, a liberdade somente ocorre na teonomia, na unidade da religião e da cultura. Na teonomia, a liberdade pessoal encontra o equilíbrio no irromper do fundamento do ser (Deus). Trata-se de evento da graça, de *kairos*, realização da

⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 53.

⁸ Cf. ŽIŽEK, Slavoj. *O amor impiedoso: (ou: sobre a crença)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 174-180.

⁹ ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1987. p. 172.

Presença Espiritual no tempo, na história, sendo esta caracterizada por poder, amor e justiça, ainda que de maneira fragmentária, porém, real.¹⁰

Tillich critica ainda o indeterminismo, tanto quanto o determinismo em relação à liberdade humana. Para Tillich, o indeterminismo transforma a liberdade humana numa questão de contingência e, com isso, a própria responsabilidade fica comprometida. E o determinismo, por outro lado, converte a liberdade do ser humano à pura necessidade mecânica, transformando-a em algo completamente condicionado.¹¹ A questão, então, não é incorrer numa liberdade absoluta, o que seria conceber um ser humano fora da realidade (o que não existe), tampouco negar a série de fatores que exercem pressão sobre o arbítrio humano. Ou, como disse Chauí: “A liberdade, porém, não se encontra na ilusão do ‘posso tudo’ nem no conformismo do ‘nada posso’”.¹²

Outro aspecto importante da liberdade que condiz com a humanização do sujeito é o seu caráter social. Quando se pensa sobre a liberdade, geralmente se tem em mente a figura do indivíduo solitário, tendo algumas opções ou possibilidades diante de si, tendo que fazer escolha.¹³ Mas, ocorre que a experiência humana não é solitária, mas como disse Aranha: “se faz no convívio, na intersubjetividade”.¹⁴ Aranha afirma que a reflexão ética sobre a liberdade não se deve restringir ao indivíduo, porque não há liberdade fora da relação interpessoal.¹⁵ Esse conceito de liberdade combina com a perspectiva bíblica, onde o conceito de indivíduo é fraco, pois a ênfase é comunitária, no povo. O sujeito é pensado sempre em sua relação com a família, o clã, a nação, enfim, com a coletividade. Na experiência religiosa pentecostal os mesmos pressupostos estão implicados. Dessa forma, o outro não é obstáculo para a liberdade, mas meio para atingi-la.

Finalmente, o desejo pela liberdade é reconhecido por filósofos, teólogos, etc., como sendo uma vocação humana.¹⁶ Nessa aventura ambígua da liberdade humanizadora, a

¹⁰ Cf. TILLICH, 2005, p. 691-706.

¹¹ TILLICH, 2005, p. 357.

¹² CHAUI, 2008, p. 337.

¹³ Além disso, essa liberdade focada no indivíduo é equivocada, uma vez que responsabiliza sempre o indivíduo, tanto pelo seu sucesso, quanto por seu fracasso, negando, desse modo, a rede de relações da esfera social que certamente cooperaram para a derrota ou vitória do indivíduo. Cf. BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.11-23.

¹⁴ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 322.

¹⁵ ARANHA; MARTINS, 2003, p. 322.

¹⁶ A liberdade é um importante item da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Como diz os artigos III e XVIII respectivamente: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. “Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”.

religiosidade pentecostal tem sua contribuição a oferecer, mesmo que modesta e de natureza empírica.

A LIBERDADE NA EXPERIÊNCIA PENTECOSTAL

Apresentou-se no tópico anterior um panorama do conceito de liberdade, a partir de algumas abordagens religiosas, filosóficas, etc. Agora se pretende analisar o potencial de liberdade contido na experiência pentecostal. Evidentemente que a mesma não é livre de algumas contradições, entretanto, a práxis do movimento pentecostal demonstra notável contribuição à liberdade que resulta na humanização do sujeito, principalmente do pobre¹⁷.

A liberdade, termo chave dessa reflexão, é um valor para a cultura ocidental. Está presente na conhecida Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) como um valor humano imprescindível e é um direito humano reconhecido internacionalmente.¹⁸ Também no Evangelho ocupa um ponto central. *“Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres”*, disse Jesus Cristo (Jo 8.36). *“Foi para a liberdade que Cristo nos libertou”*¹⁹, escreve Paulo aos Gálatas (Gl 5.1; cf. Rm 8.2). A liberdade humana é um valor bíblico e também humanitário.

Para a tradição cristã, nas suas diversas expressões: católica, ortodoxa, protestante e pentecostal, a liberdade por excelência se encarna nas palavras e ações de Jesus Cristo. Este se torna o paradigma de liberdade na história.

Para os pentecostais, Jesus Cristo é o modelo de alguém que é cheio do Espírito Santo e, portanto, de poder para interferir na vida das pessoas, promovendo vida e liberdade. Jesus Cristo é aquele que batiza no Espírito Santo, concedendo poder para o

¹⁷ Segundo o sociólogo Ricardo Mariano, “depois de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, na pobreza”. MARIANO, Ricardo. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/artigos/o-pentecostalismo-no-brasil-cem-anos-depois-uma-religiao-dos-pobres>> Acesso em: 11 dez. 2013.

¹⁸ GOMES, Cristiana. Revolução Francesa. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/revolucao-francesa/>> Acesso em: 02 dez. 2013.

¹⁹ BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2004. Esta versão será utilizada em todas as citações bíblicas ao longo da monografia.

testemunho cristão. As comunidades pentecostais, portanto, liga o Espírito Santo à pessoa de Jesus Cristo, a liberdade às suas palavras e obras.²⁰

Os pentecostais, com o discurso de que Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e em breve voltará, fizeram diferença na história de inúmeras pessoas. Esta mudança trouxe liberdade para a vida dos mais pobres e fragilizados da sociedade. Conforme Oliva e Benatte dizem:

Acreditamos que o pentecostalismo no Brasil respondeu (e responde) às necessidades religiosas de amplas camadas sociais excluídas e marginalizadas do progresso econômico capitalista e do projeto hegemônico de nação que se efetivou na virada do século XIX para o XX.²¹

Essa resposta pentecostal permite à vida do pobre começar de novo, em meio à criatividade da solidariedade comunitária. A vida é então ressignificada a partir da fé comunitária pentecostal. Chauí expressa o sentido de liberdade de um modo parecido com o que se pretende afirmar sobre a experiência libertária pentecostal:

A liberdade é a capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato numa realidade nova, criada por nossa ação. Essa força transformadora, que torna real o que era somente possível e que se achava apenas latente como possibilidade [...].²²

Evidentemente que a filósofa tem em mente uma liberdade que parte da conscientização e ação política e, portanto, não se tem em mente a religião. Entretanto, essa definição de liberdade pode ser relacionada às práticas das comunidades pentecostais. Portanto, sugere-se que, como resultado da experiência pentecostal, a liberdade pode ser compreendida como poder humanizador do que está posto na realidade, mudança efetiva na cultura, trazendo o novo para o plano histórico, tanto da vida individual, quanto da coletiva. Com esses pressupostos em mente é que se considera a experiência libertária pentecostal como agente emancipatório.

O dinamismo e criatividade do movimento pentecostal produziu uma verdadeira revolução religiosa e social em todo o mundo. O cristianismo em seus diversos ramos denominacionais foi direta ou indiretamente atingido pelo movimento. De tal modo que, até mesmo igrejas reconhecidamente históricas e tradicionais (como as igrejas católicas,

²⁰ NICHOLS, David R. O senhor Jesus Cristo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 332-334.

²¹ OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.) *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010. p. 49.

²² CHAUI, 2008, p. 339.

metodista e presbiteriana) se abriram à experiência pentecostal.²³ Surgiram movimentos de renovação, carismáticos, avivados, entre outros. Ainda mais, poucas igrejas têm investido mais na evangelização e missões como tem sido feito pelas igrejas pentecostais. A igreja recebe poder²⁴ para o testemunho. Esse discurso é presente no pentecostalismo e, certamente, associado às condições históricas e sociais favoráveis muito contribuiu para o seu rápido crescimento numérico.

A liberdade na comunidade pentecostal

A liberdade pentecostal, no seu sentido original, não se trata de liberdade para fugir da vida em sociedade (como pensam alguns pentecostais), mas da liberdade que consiste no poder de usufruir da vida em comunidade de modo legítimo, na força do amor solidário, que possibilita às pessoas achegarem-se uma às outras em atitude dialógica e de auxílio mútuo. Isso, conseqüentemente, pode refletir no espaço público, em maior engajamento nas questões pertinentes ao diálogo ecumênico, cidadania e à vida em sociedade.²⁵

Sendo assim, a liberdade que surge da experiência pentecostal não é de natureza individual e solitária. Na realidade, nessa sociedade desigual e do consumo desenfreado, a individualidade é coisa para poucos. A maioria do povo se afirma em formas comunitárias de solidariedade e de partilha e, assim, a vida se torna mais suportável e alegre. Portanto, a liberdade pentecostal, formada na sua maioria por pessoas das classes sociais mais baixas, está fundamentada num modelo comunitário e participativo no Espírito de Cristo.²⁶ Em “O Espírito Santo no mundo”, Comblin afirma que o pentecostalismo surge numa época em que reaparece a comunidade. Os fenômenos pentecostais sempre aparecem em comunidade e

²³ PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso), p. 15.

²⁴ Mas, cabe a crítica de que essa força nem sempre foi usada para promover a comunhão entre as igrejas cristãs, pelo contrário, por muito tempo o pentecostalismo se revelou avesso a todo e qualquer proposta de diálogo ecumênico. Sendo assim, perdeu boas oportunidades de enriquecimento de sua eclesiologia e concepção de realidade. Convém lembrar, o Pentecostes gerou diálogo entre os diferentes, a esta verdade os pentecostais devem atentar (cf. At 2.1-13).

²⁵ No universo protestante brasileiro e latino-americano, um dos principais batalhadores por uma teologia pública é o teólogo Rudolf von Sinner, professor da Faculdades EST. Ele tem chamado a atenção de igrejas, teólogos e mundo acadêmico para o papel das igrejas nas questões referentes à cidadania e superação da desigualdade social que tanto marcam este país e o mundo. Cf. SINNER, Rudolf von. Teologia pública no âmbito global. In: ZWETSCH, Roberto E.; CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Teologia pública em debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. (Coleção Teologia Pública), v.1. p. 11-36.

²⁶ A compreensão do Espírito de Deus no pentecostalismo clássico é procedente, sobretudo, de sua experiência religiosa, fundamentada numa leitura bíblica, comumente alegórica. Sua orientação teológica evidentemente é de caráter metafísico.

nunca quando a pessoa está sozinha. Pode-se observar isso nos exemplos registrados em Atos.²⁷

Como observa Bobsin: “[...] o pentecostalismo rompe com uma cultura religiosa e política hierárquica na esfera religiosa. O Espírito dá dons a todos, permitindo, assim, a participação na vida da congregação.”²⁸ Portanto, não é um modelo institucional, cujas ideias partem de cima, de lideranças autoritárias. Também Libanio reconhece o potencial libertador e comunitário do pentecostalismo. Para o teólogo, os pentecostais dispõem de uma estrutura ágil, que permitem que os pobres façam profunda experiência de vida e de salvação em um mundo de morte e de condenação, de maneira imediata e direta.²⁹

A experiência pentecostal permite aos fiéis transcender sobre as condições socioeconômicas negativas. Para o pentecostal, a identidade do indivíduo não é determinada unicamente pelo contexto social, pois há um campo ontológico incompleto, que somente pode ser acessado pelo Espírito Santo. Trata-se da intimidade da subjetividade humana. Em linguagem sociológica, se refere à atribuição de um sentido mágico da vida. Como bem descreve Souza:

O pentecostalismo, mediante a crença na espiritualização da vida material, segundo a qual se vive para Deus, sem, contudo, romper com os problemas da vida social, proclama um tipo de religiosidade na qual a vida incorpora um sentido divinamente atribuído; não são os sentidos humanos que a dirigem, mas a revelação (sentido divinamente inspirado).³⁰

A religiosidade pentecostal, ainda que necessariamente atrelada ao contexto social, político, econômico, etc., encontra sua principal referência na fé. Assim, afirma: somente com a presença do Espírito de Cristo o ser humano pode viver plenamente. Compreende o ser humano como sendo caracterizado por incompletude e, portanto, indeterminado. Logo, para a perspectiva pentecostal não existem aspectos culturais, políticos e econômicos que possam oferecer o senso de totalidade, de completude para a pessoa, a não ser a experiência com o sagrado. A liberdade pentecostal passa pela intuição dessa incompletude humana e no consentimento da presença divina como a solução para esse dilema.

²⁷ COMBLIN, José. *O espírito santo no mundo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 112.

²⁸ BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana; São Leopoldo: Sinodal: IEPEG EST, 2002. p. 73.

²⁹ LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 210-211.

³⁰ SOUZA, 2004, p. 30.

A liberdade e o batismo no Espírito Santo

O batismo no Espírito Santo³¹, segundo a fé pentecostal clássica, é uma experiência de empoderamento³² no Espírito, que torna o fiel apto ao serviço na comunidade e ao testemunho ousado de Jesus Cristo (At 1.8). Segundo Antonio Gilberto, teólogo pentecostal, o batismo:

[...] é um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (Lc 24.49; At 1.8; 10.46. 1 Co 14.15,26).³³

Wyckoff corrobora: “Os pentecostais acreditam firmemente que o propósito primário do batismo no Espírito Santo é o poder para o serviço”.³⁴ A experiência espiritual resulta em línguas estranhas, adoração a Deus e serviço. É uma experiência que se encontra nas raízes do cristianismo primitivo (cf. Atos dos Apóstolos). Alega-se que seu movimento é uma experiência de retorno àquela experiência com Deus, que possibilitou as missões cristãs primitivas.³⁵

A teologia pentecostal ensina que os fenômenos que acontecem dentro das suas comunidades são idênticos aos fenômenos que o Novo Testamento menciona nas primeiras comunidades cristãs.³⁶ Como amplamente conhecido, a experiência pentecostal busca sua fundamentação no relato bíblico do dia de Pentecostes. Assim, se diz que os discípulos de Cristo estavam todos juntos,

³¹ Desde o início da organização do movimento pentecostal em 1901, com a Escola Bíblica Betel de Chales F. Parham, em Topeka, no Kansas, o pentecostalismo já apoiava sua experiência das línguas no livro dos Atos dos Apóstolos, especialmente no capítulo 2. SYNAN, V. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009. p. 17. O avivamento pentecostal ocorrido a partir de 1906 na Rua Azusa, em Los Angeles, liderado pelo pastor negro William J. Seymour, também era caracterizado pelo falar “línguas estranhas”. ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 608.

³² Segundo Nordstokke, o termo empoderamento é oriundo do inglês “*empower*” que significa “dar poder a alguém” ou “autorizar” uma pessoa. É um ato positivo, já que isso se refere a pessoas cuja situação de vida é marcada por marginalização ou estigmatização. Portanto, originalmente o termo procede do contexto social. Empoderamento pode ser compreendido como um processo contínuo de luta e resistência da vida contra a opressão, desigualdade e falta de sentido. Importância é dada aos humildes e aparentemente insignificantes. NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia e empoderamento. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012. p. 76-77; 85-86.

³³ GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 191.

³⁴ WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 457.

³⁵ ARAUJO, 2007, p. 118-119.

³⁶ WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, 2006, p. 462.

De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava (At 2.2-4).

A partir disso, segundo a doutrina pentecostal, a fé cristã não é apenas uma mensagem na qual se deve acreditar, mas uma experiência de fé que se torna uma mensagem da Igreja.³⁷ Frequentemente se afirma que essa experiência é evidenciada pelo falar em línguas (glossolalia), conforme o modelo de Atos dos Apóstolos.³⁸ Termo derivado de *glōssais lalein*, uma expressão grega usada no NT, que significa literalmente “falar em [ou ‘com’ ou ‘por’] línguas”.³⁹ Cabral, teólogo pentecostal, é categórico: “O falar em línguas estranhas, seja como sinal, seja como dom, é uma operação divina encontrada somente a partir de Atos 2. O falar em línguas como sinal do batismo com o Espírito Santo teve seu início no dia de Pentecostes (At 2.4).”⁴⁰

Para os pentecostais, essa experiência já é prometida pelos antigos profetas. Cita-se a passagem profética de Joel 2.28-29 (aludida pelo apóstolo Pedro, conforme Atos 2). No período bíblico veterotestamentário, o Espírito de Deus era concedido somente a algumas pessoas, mas, segundo o profeta, Deus prometeu “*derramar do Seu Espírito*” sobre todos indistintamente.⁴¹ Também, a respeito do batismo no Espírito Santo, destacam os seguintes aspectos:

- a) Promessa predita por João Batista e por Jesus Cristo (Mt 3.11; Jo 7.37-38; At 1.4-5).
- b) Teve o seu cumprimento no dia da festa de Pentecostes (At 2.1-4).
- c) Os samaritanos, efésios e demais gentios receberam o batismo no Espírito (At 8.14-20; 10.44-47; 11.15-18; 19.1-7).

³⁷ Para Paul Tillich, teólogo luterano, o evento de Pentecostes trata-se de evento extático do Espírito de Cristo sobre a comunidade religiosa, que cria cinco características fundamentais da vida da comunidade espiritual (Igreja). Essas marcas são: êxtase espiritual, fé, amor que se doa, unidade (comunhão) e universalidade, expressa no impulso missionário.³⁷ Esses elementos são critérios confiáveis de discernimento da ação do Espírito. São criações do Espírito de Cristo, são respostas às ambiguidades da vida ou a procura de uma vida sem ambiguidades. Portanto, neste caso, a reflexão de Tillich pode auxiliar o pentecostalismo a obter critérios mais objetivos de discernimento da sua experiência. TILLICH, 2005, p. 602-605.

³⁸ Embora algumas vezes os pentecostais tenham divergido se podem ou não ocorrer exceções ao falar em línguas no batismo no Espírito. ARAUJO, 2007, p. 299.

³⁹ ARAUJO, 2007, p. 331.

⁴⁰ CABRAL, E. *Lições bíblicas: o que é o batismo com o Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD. p. 21, 2011. Em termos práticos, nas línguas estranhas, as vozes silenciadas dos sofridos são expressas de modo ininteligível. Então, talvez se possa dizer que há um efeito terapêutico no falar em línguas que precisa ser mais bem investigado.

⁴¹ Cf. GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, 2008, p. 189-190.

d) Esta promessa é concedida a todos os que creem (At 2.38-39).⁴²

Assim, o fiel recebe poder para cumprir sua missão no mundo como testemunha de Jesus Cristo. Em termos teológicos, pode-se dizer que o batismo no Espírito significa, entre outras coisas, ser possuído por uma instância maior, superior, enfim, por uma força transcendental que permite a vida começar de novo. É poder para o sujeito sair de si e voltar-se ao outro em amor. É experiência que permite a fala e o testemunho, gerando comunidade.

Segundo o pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo é algo posterior à conversão⁴³ e abre para o crente uma ampla gama de dons espirituais, conforme são citados no Novo Testamento (especialmente 1 Coríntios 12:7-11, 27-31, Romanos 12:3-8 e Efésios 4:11-13).⁴⁴

Entre os dons espirituais, certamente os mais valorizados pelos pentecostais tem sido o falar em línguas estranhas, a profecia e o dom de curar. Nisso tudo, o crente acaba obtendo sentido para a sua vida religiosa e experimenta a liberdade de ampliar sua identidade pessoal e presença no mundo. Ocorre um legítimo empoderamento da pessoa que é inserida na comunidade, onde existe uma dimensão democrática de utilização de dons e talentos no espaço litúrgico. Na dimensão do Espírito, a comunidade transforma-se em um espaço de liberdade e igualdade, inclusive na interpretação da Bíblia.⁴⁵ Nas palavras de Oliva e Benatte, estudiosos do movimento pentecostal:

⁴² GILBERTO, Antonio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, 2008, p. 189-193.

⁴³ Cf. WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, 2006, p. 435-441.

⁴⁴ LIM, David. Os dons espirituais. In: HORTON, 2006, p. 465-468.

⁴⁵ O pentecostalismo, aliás, não combina com o engessamento doutrinário que caracteriza as formas de fundamentalismo religioso. O Espírito Santo é livre e sopra onde quer, portanto, não se deixa apreender pelas definições retas ou fechadas (Jo 3.5-8). Paradoxalmente, no pentecostalismo se percebe essa estranha mistura entre o movimento livre do Espírito com o engessamento da doutrina de corte fundamentalista. São elementos díspares e contraditórios. O pentecostalismo, ainda que possua feições fundamentalistas, em sua essência ele é progressista. Por exemplo, um dos itens do fundamentalismo evangélico é afirmar o dogma protestante da “sola escriptura”. Dessa maneira, os pentecostais se identificam com a fé protestante e, assim, se incluem no cristianismo de vertente evangélica. Portanto, o pentecostalismo é religião do livro sagrado, contudo, sua experiência com o Espírito de Deus, passa pela Bíblia, mas não se limita a ela, pois o Espírito age por meio da Escritura, mas também fala diretamente na subjetividade dos crentes e isso por intermédio de sonhos, revelações, palavras proféticas, entre outros. A Bíblia de Estudo Pentecostal afirma: “O que se diz de uma pessoa que recebe uma profecia, ou revelação, no âmbito do culto de adoração (1 Co 14.26-32)? Ela está recebendo, ou não, a palavra de Deus? A resposta é um ‘sim’.” BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1060. Ainda mais: sempre houve uma espécie de anarquia hermenêutica, isto é, uma autêntica liberdade na interpretação da Bíblia, sem os recursos consagrados pela hermenêutica conservadora, de matriz fundamentalista. Sendo assim, a Bíblia é mais um modo da Palavra divina, certamente o principal, “a regra de fé” que deve julgar todas as demais manifestações tidas como Palavra divina, mas de modo algum é

Ademais, a organização carismática e a experiência de derramamento do Espírito “sobre toda carne” relativizam o peso da educação formal, flexibilizando as relações de saber-poder entre letrados e iletrados no seio das igrejas locais; esse processo aumenta significativamente o poder dos leigos; apesar da concentração de poderes nas esferas mais altas de decisão. A valorização da linguagem coloquial, a formação endógena de pastores, a participação potencial de todos nos trabalhos religiosos, a resistência ao teologismo, tudo contribui para atenuar a divisão entre clérigos e leigos, característica das grandes organizações eclesiais”.⁴⁶

Também, a partir do Novo Testamento, os pentecostais afirmam que todo crente é potencialmente um profeta, pois todos são convocados a se tornarem voz de Deus contra a injustiça e a idolatria. Portanto, algo semelhante ao conceito luterano do “sacerdócio de todos os crentes”.⁴⁷ Essa experiência comunitária e igualitária concede a percepção da presença de Deus e faz da pessoa que a experimenta um meio dessa presença no mundo, assim, surge evangelização e missão.⁴⁸ Esse engajamento missionário, realizado principalmente por leigos, como resultado do empoderamento do Espírito ajuda os fiéis a ampliar o seu olhar sobre a realidade, tirando-os da contemplação apenas da dor e da miséria. Passam a se autoperceber como agentes do Reino de Deus. Isso certamente contribui para a elevação da autoestima e dignidade pessoal e, assim, em seu processo humanizador.

Então, diante do que foi exposto até aqui, pode-se afirmar que o batismo no Espírito “enche” o indivíduo de força, que possibilita a transcendência sobre situações adversas. Na sociedade o fiel geralmente se encontra deslocado por sua situação socioeconômica marginal, porém, na comunidade pentecostal tem vez e voz, torna-se agente participativo nas ações da igreja, o que lhe garante dignidade e ampliação da sua liberdade.

exclusiva. Cf. ARAUJO, 2007, p. 288. ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Bibliologia. A doutrina das escrituras*. In: GILBERTO, 2008, p. 40-47. Segundo Paul Tillich, o termo “Palavra de Deus” possui seis sentidos diferentes. Palavra de Deus como princípio da automanifestação divina no próprio fundamento do ser. Segundo, a Palavra é o meio da criação; terceiro, a Palavra é a manifestação divina na história da revelação. É a palavra recebida pelos seres humanos; quarto, a Palavra é a manifestação de Jesus como o Cristo e finalmente, chama-se de Palavra de Deus a mensagem da igreja tal como esta a proclama em sua pregação e ensino. TILLICH, 2005, p. 166-169.

⁴⁶ OLIVA; BENATTE, 2010, p. 42.

⁴⁷ ARAUJO, 2007, p. 287-288.

⁴⁸ SILVA, Antonio; STROBEL, Isaque; COUTO, Geremias do. *Manual de doutrina das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 48-50.

Com isso, não se pretende negar alguns problemas, tais como, proselitismo, triunfalismo e fundamentalismos⁴⁹, geralmente presentes nos pentecostalismos que impedem o diálogo ecumênico e maior inserção na cultura local. Contudo, é inegável a mudança operada na vida das pessoas que partilham da fé pentecostal. Jovens são libertos das drogas, idosos são sujeitos no ambiente de culto, mulheres pregam, cantam e ajudam na liderança da comunidade, negros e pobres espontaneamente ocupam posições de liderança e, dessa maneira são afirmados em sua dignidade. Tais mudanças pessoais, ainda que não modifiquem as estruturas sociais nas quais os indivíduos participam, certamente refletem positivamente sobre boa parcela da sociedade.⁵⁰

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo discorrer sobre a liberdade na experiência pentecostal, especialmente dos mais pobres. Observou-se que, no pentecostalismo, os mais pobres e marginalizados da sociedade encontram um espaço de vida, liberdade e inconformidade diante da realidade dura e sem perspectiva. Empoderados no Espírito criaram (e criam) comunidades, espaços de afirmação da vida em solidariedade e serviço. Ainda mais: os pentecostais podem experimentar a liberdade de imaginar a realidade não a partir do que é, mas a partir daquilo que pode ser.

Os pentecostais, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo, são possuídos pelo senso de missão no mundo. Isso ocorre, pois importa anunciar a boa notícia de que a realidade pode ser transformada pela força do amor. Dessa forma, os pentecostais conseguem preencher a vida de sentido e alegria e fazer a diferença em ambientes inóspitos, como na periferia das grandes cidades, nas vilas, favelas, entre outros.

Observou-se que se trata de experiência libertadora que humaniza; à luz da fé e teologia pentecostal, esta não é realização do sujeito, embora ocorra nele e peça por sua participação, sempre é possível pelo irromper (ou derramar) do Espírito Santo em situações de aprisionamento da vida. Esta é a tese da fé que perpassa o discurso e as práticas

⁴⁹ Segundo Gouvêa, o fundamentalismo apresenta três pilares: o sectarismo, o legalismo e o dogmatismo. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A piedade pervertida*. São Paulo: Grapho, 2006. p. 39-50.

⁵⁰ Como escreve Passos, é preciso perceber que as organizações religiosas não são social e politicamente neutras. Elas exercem uma função dentro da sociedade, mesmo que nem sempre estejam cônscias disto. "A religião sustenta quadros políticos de paz e de guerra, de independência e de escravidão, de vida e de morte." PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processo*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção temas do ensino religioso), p. 116-117.

pentecostais que criam situações de transformação social e vida participativa entre os mais pobres.

Referências

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1987.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Bibliologia. A doutrina das escrituras. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

_____. *Lições bíblicas*. As disciplinas da vida cristã: trabalhando em busca da perfeição. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ARANHA, M. L. de Arruda; MARTINS, M. H. Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana; São Leopoldo: Sinodal: IEPEG EST, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.

GOMES, Cristiana. Revolução Francesa. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/historia/revolucao-francesa/>> Acesso em: 02 dez. 2013.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A piedade pervertida*. São Paulo: Grapho, 2006.

<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/o-livre-arbitrio-nao-existe-dizem-neurocientistas>. Acesso em: 07 mar. 2012.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

LIM, David. Os dons espirituais. In: HORTON, Stanley M. (Ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. Disponível em: <<http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/artigos/o-pentecostalismo-no-brasil-cem-anos-depois-uma-religiao-dos-pobres>> Acesso em: 11 dez. 2013.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo em ebulição. In: TEIXEIRA, Fautino; MENEZES, Renata (Orgs.) *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia e empoderamento. In: REBLIN, Iuri Andréas; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Religião e sociedade: desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.) *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2010.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso).

_____. *Como a religião se organiza: tipos e processo*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção temas do ensino religioso).

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

SILVA, Antonio; STROBEL, Isaque; COUTO, Geremias do. *Manual de doutrina das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

SINNER, Rudolf von. Teologia pública no âmbito global. In: ZWETSCH, Roberto E.; CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von (Orgs.) *Teologia pública em debate*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. (Coleção Teologia Pública), v.1.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WYCKOFF, John W. O batismo no espírito santo. In: HORTON, Stanley M. (Ed.) *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ŽIŽEK, Slovoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013.